



RODAS DE CONVERSA: DESENVOLVENDO HABILIDADES COMUNICATIVAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Marcia Spezia ¹
Leandro Oliveira Rocha ²

Este relato emerge das experiências docentes construídas por meio de situações de aprendizagens realizadas em uma turma de Pré-escola (crianças de 5 e 6 anos de idade), da Escola Municipal de Ensino Fundamental 24 de Maio, localizada no município de Teutônia/RS, cujo objetivo é identificar contribuições das rodas de conversa no desenvolvimento da oralidade na Educação Infantil. Trata-se de um relato de experiência produzido a partir de observações participantes e análises realizadas ao longo do primeiro semestre de 2023, especificamente dos momentos de conversas em grupo, onde foram promovidos momentos de diálogos para relatos sobre os finais de semana e outras vivências significativas para as crianças. Observações e análises que foram potencializadas com o aporte teórico sobre as rodas de conversa e permitiu relacioná-las com a organização do pensamento da criança e a construção do seu repertório oral.

De acordo com Chaer e Guimarães (2012), na roda de conversa é possível dispor de diversas situações que possibilitam desenvolver o repertório oral, devendo esta ser uma estratégia diária na Educação Infantil. Ao valorizar as falas das crianças através de uma escuta atenta, as encorajamos a participar cada vez mais. É fato que algumas crianças já apresentam um repertório de palavras mais estruturado e noções temporais melhor construídas que outras, uma vez que estão expostas a vivências diferentes em seus espaços de relação social. Porém, quando possibilitamos uma escuta atenta, respeitosa, quando criamos uma conexão com o relato da criança, abrimos espaço para seu protagonismo. Assim, podemos utilizar perguntas assertivas no intuito de levar a criança a refletir sobre o tempo em que os fatos ocorreram, reestruturar seu pensamento e fala, compreendendo que existe uma lógica nas narrativas.

No que se refere à organização das situações de aprendizagens, Augusto (2011) destaca três fases do desenvolvimento narrativo na criança, sendo que a primeira exige a

¹ Graduada em Licenciatura em Pedagogia da Universidade Luterana do Brasil - ULBRA- RS, mspezial@universo.univates.br;

² Doutor em Ciências do Movimento Humano (UFRGS), Professor de graduação da Univates, leandro.rocha@univates.br.



presença do adulto, uma vez que a criança assume o papel de ouvinte. Na segunda, a criança se apoia na fala do adulto e através de perguntas vai dando significado a sua fala e compo uma pré-narrativa. Nesta fase, a criança se separa da fala do adulto e através da memorização e conhecimento relata experiências pessoais. Na terceira, por sua vez, a criança passa a atuar com autonomia no diálogo, sendo o próprio locutor. Por conseguinte, com base nessas considerações, de modo geral, oportunizamos momentos de rodas de conversa para desenvolver habilidades linguísticas essenciais para a boa comunicação de ideias, como a desinibição, respeito aos momentos de falar e de ouvir, estímulo à produção de narrativas lógicas e de conhecimentos temporais, ampliação da fluência para falar e perguntar, exposição lógica de ideias, ampliação de vocabulário, fala correta através da escuta, valorização dos momentos em grupo e a troca de aprendizagens e experiências.

Ao propor momentos de rodas de conversa, o primeiro exercício foi, sem dúvida, o da escuta. No primeiro momento, fazíamos o combinado de que cada um teria sua vez de falar, e que ouvir o relato do colega era fundamental para obtermos uma boa comunicação, além de ser um ato de respeito e cordialidade. Nas primeiras tentativas, as crianças tiveram dificuldade em esperar sua vez de falar, interrompendo a fala dos colegas, associando fatos com os de sua vivência, colocando suas sensações e sentimentos naquilo que era dito pelo outro. Assim, muitas eram as interrupções nas narrativas, o que diminuía a capacidade de construir um pensamento sequencial e lógico para aquele que falava. Aos poucos e com intervenções positivas, essa aprendizagem foi acontecendo e tivemos sucesso no campo da espera.

As crianças eram muito receptivas ao momento, passaram a ouvir mais os colegas e, muitas vezes, até repetindo relatos destes. Esperavam tranquilas pela sua vez de falar, uma vez que sabiam que ela chegaria, pois uma relação de confiança e consistência foi criada desde a primeira vez que este momento foi proposto. Esta situação de aprendizagem se dava, especialmente, na segunda-feira, logo no início da manhã, para que pudessem relatar sobre o final de semana. Mas também eram comuns no dia-a-dia, para combinarmos alguma tarefa ou para dialogarmos sobre algum assunto novo e cada criança ter a oportunidade de expor seus conhecimentos prévios sobre o tema e ampliar suas concepções sobre os mesmos.

As crianças eram sentadas em roda, assim poderiam observar diretamente os colegas e a professora, e no momento em que fossem fazer seu relato, eram observadas por todos, o que já contribuía para a construção de uma postura de interação social. Todos os relatos eram valorizados, desde aqueles feitos com palavras, os quais eram ampliados pelas perguntas da professora e se tornavam pequenas narrativas, até os mais amplos e detalhados. As crianças eram chamadas pela professora, uma a uma, para iniciar seu relato, porém somente após a

anterior ter dado sua fala como completa. Este combinado também foi construído previamente, no primeiro dia de aula, quando fizemos nossa apresentação.

Assim sendo, é essencial perceber que a oralidade é um processo dinâmico que se desenvolve a partir de situações que sejam significativas para as crianças (AUGUSTO, 2011). Falar sobre seu final de semana, por exemplo, é algo que remete a individualidade de cada criança, que possibilita a elas falar daqueles com quem convive e conhece, e com quem constrói os primeiros e mais intensos sentimentos. Além disso, a casa é o primeiro ambiente de convivência social, sendo ampliado, aos poucos, para o espaço escolar.

Augusto (2011), sustentado nos estudos de Bakhtin, entende que toda comunicação se faz na interação porque é impossível pensar em palavras, linguagem, sem ser na interação com o outro. As palavras possuem significados, não sendo o mesmo para todas as pessoas, o sentido se dá a partir da interação do sujeito com o seu interlocutor nos diferentes discursos. Tal como afirmam Oliveira, Mello e Vitória (2011, p. 48), a cada diálogo, a cada interação, a criança constrói, reconstrói, modifica e amplia seu pensamento, traduzindo essas construções em diálogos melhor estruturados e significantes, pois “seu pensamento torna-se mais complexo à medida que ela interage com seu meio, ampliando seus recursos de linguagem e de coordenação de suas ações com as de seus parceiros”.

Não podemos pensar sobre o desenvolvimento da linguagem oral sem considerarmos a perspectiva vygotskianas de que a relação do ser humano com o mundo é estabelecida por meio da linguagem. Segundo Vygotsky (1996), o contato da criança com a linguagem se dá através da relação com o outro, na medida em que as palavras, os conceitos e seus significados se transformam e seguem uma lógica de pensamento conforme a criança vai ampliando suas potencialidades de interação social. Por isso, nos relatos de seu cotidiano, na exploração de livros de história, assim como possibilidades de contar e recontar histórias, são experiências fundamentais para que as crianças desenvolvam sua capacidade de diálogo por meio da oralidade (VYGOTSKY, 1996). O sentido das palavras liga seu significado objetivo ao contexto de uso da língua e aos motivos afetivos e pessoais de seus usuários e, assim, gradativamente, são acrescentados elementos importantes no desenvolvimento da linguagem: a oralidade.

Desde muito cedo, a criança dispõe de uma inteligência própria que orienta suas ações no mundo, inteligência esta que vai se modificando a partir das interações estabelecidas com o outro, este que dá significados às suas expressões, gestos, sons, fazendo com que tenham uma participação ativa no mundo. Por meio da interação e do diálogo com outras pessoas, a

criança desenvolve sua inteligência verbal, que é guiada pela linguagem e age sobre a construção de ideias. Trata-se de uma relação entre o pensamento e a fala que favorece a construção de um “pensamento psicológico mais sofisticado” e passa por várias mudanças ao longo da vida do indivíduo (REGO, 2003).

Conforme pondera Rego (2003, p. 64), “tanto nas crianças como nos adultos, a função primordial da fala é o contato social, a comunicação, isto quer dizer que o desenvolvimento da linguagem é impulsionado pela necessidade de comunicação”. Isso significa que a capacidade da criança se comunicar com qualidade depende das oportunidades de interagir e dialogar, pelas quais ela aprende a “coordenar suas ideias, argumentos e significações” (OLIVEIRA, MELLO E VITÓRIA, 2011, p. 45). O desenvolvimento da linguagem nas crianças é marcado pelas possibilidades de trocas verbais e discursivas, cujo adulto ou o professor pode promover uma série de atividades para essa evolução (RONCATO; LACERDA, 2005). Daí a importância da escuta ativa, da promoção de momentos de diálogos dirigidos para a boa construção de textos orais.

Ao retomar o objetivo deste relato - identificar contribuições das rodas de conversa no desenvolvimento da oralidade na Educação Infantil - destacamos a importância de promover espaços de interação verbal em momentos apropriados e mediados de modo sistemático. Entendemos assim porque a resultante da inserção das rodas de conversa nas aulas pode ser observada, primeiramente, na construção de uma postura ativa das crianças durante os diálogos, onde apresentaram maior autonomia, melhora e ampliação do vocabulário e, a cada dia, relatos mais coerentes, tanto na relação sequencial dos fatos narrados como também na noção temporal dos mesmos. Em seguida, observou-se uma habilidade maior para lidar com os conflitos e desafios utilizando o diálogo como mediador. Por fim, ao desenvolverem um domínio maior de vocabulário, foram capazes de expressar com mais clareza sentimentos e emoções, expressando-os na busca de entendê-los e de conseguir o auxílio necessário, especialmente por parte dos adultos com quem socializam diariamente.

Levando em conta que as crianças amadurecem e desenvolvem habilidades à seu tempo, foi possível perceber que algumas ainda sentem maior segurança em se expressar de forma particular, ou seja, direta e individualmente com a professora ou com os colegas que tenham maior afinidade. Embora tenhamos, em nossa maioria, nascido como aparato biológico necessário para a comunicação, este por si não será suficiente se não estabelecermos relações sociais que nos insiram na cultura historicamente construída. A função do professor de educação infantil é mediar intencionalmente e de forma propositiva a comunicação oral, sistematizando atividades, identificando dificuldades e fazendo as correções necessárias para

que a criança construa bons textos orais, valorizando o ato comunicativo e entendendo que se trata de um processo dinâmico e altamente significativo, devendo ter destaque diariamente nas situações de sala de aula.

Assim sendo, é fundamental proporcionar momentos adequados para desenvolver a linguagem oral nas escolas de Educação Infantil, onde as crianças passam boa parte de seu dia. Quando a capacidade comunicativa é eficaz, os conflitos e desentendimentos são resolvidos através do diálogo, pois a criança se torna capaz de ouvir, comunicar o que sente ou deseja e usar esses recursos para gerir as demais situações do seu dia-a-dia. Por isso, compreender a forma como a criança desenvolve suas habilidades linguísticas e fomentar a construção de tais habilidades por meio das rodas de conversas também possibilita ao infante atuar como protagonista de seu próprio conhecimento.

Palavras-chave: Rodas de conversa; oralidade; Educação Infantil; comunicação.

REFERÊNCIAS

AUGUSTO, Silvana de Oliveira. A linguagem oral e as crianças: possibilidades de trabalho na educação infantil. Educação Infantil: diferentes formas de linguagem expressivas e comunicativas. Caderno de formação: didática dos conteúdos de formação de professores. Universidade Estadual Paulista. Pró-Reitoria de Graduação. UNIVESP, São Paulo: **Cultura Acadêmica**, v. 1, p. 52-64, 2011.

CHAER, Mirella Ribeiro; GUIMARÃES, Edite da Glória Amorim. A importância da oralidade: educação infantil e séries iniciais do Ensino Fundamental. **Pergaminho**, n. 3, p. 71-88, nov. 2012.

OLIVEIRA, Zilma de Moraes; MELLO, Ana Maria; VITÓRIA, Telma; FERREIRA, Maria Clotilde Rossetti. **Creches: Crianças, Faz de Conta & cia**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

REGO, Teresa Cristina. Vygotsky: **Uma perspectiva histórico-cultural da educação**. 15ª ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

RONCATO, Caroline Cominetti; LACERDA, Cristina Broglia Feitosa. Possibilidades de desenvolvimento de linguagem no espaço da Educação Infantil. **Distúrbios da Comunicação**, São Paulo, v. 31, n. 2, p. 215-223, ago. 2005. Disponível em: <<http://revistas.pucsp.br/index.php/dic/article/view/11715/8439>>. Acesso em: 20 set. 2023.

VYGOTSKY, Lev. S. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.